aspectos e tendências da família em transição

EURÍDICE FREITAS *

INTRODUÇÃO

Nosso propósito central neste trabalho, como no anterior, é tecer considerações que sirvam de marco teórico à condução da entrevista e interpretação da situação familiar, com vistas sobretudo à orientação profissional, atividade e procedimento científicos, que particularmente nos interessam.

Os conhecimentos teóricos sôbre a família, provindos dos diferentes ramos das ciências sociais, muito ajudarão ao entrevistador na busca de dados significativos e na compreensão das relações entre os processos da dinâmica familiar e a integração do homem nas diferentes situações da vida, incluindo a situação de trabalho, social e psicològicamente definida.

A família está profundamente alterada pela crise mundial contemporânea. Os perigos que a ameaçam, não bem definidos no atual cenário sócio-cultural, caracterizado sobretudo pelas situações de conflito e conseqüente instabilidade, tornam imprevisível a futura configuração da família como instituição. Tal fato justifica, por si só, uma generalizada apreensão e a coloca como assunto em pauta na apreciação de leigos e na reflexão de pesquisadores das ciências do homem.

A observação cotidiana em nossas atividades profissionais comprova, à saciedade, os resultados de investigações de outros psicólogos e,

*) Do Instituto de Seleção e Orientação Profissional FGV.

também, de sociólogos e antropólogos sôbre as íntimas relações entre a vida familiar e saúde mental; a significação das vivências primárias na integração efetiva no trabalho e nas relações humanas; a profunda influência das pautas familiares e ambientais na atitude e conduta com que o adulto enfrenta a vida.

Tudo nos induz, portanto, ao estudo dos fatôres que, repercutindo na estruturação funcional da família, lhe determinam novas tendências, emolduram-na em nôvo quadro sócio-cultural, emprestando-lhe, assim, nova configuração.

INFLUÊNCIA DO PROGRESSO TÉCNICO E CIENTÍFICO

As tendências que a família de nossos dias revela e as formas que está adquirindo não se produzem por acaso; resultam de uma série de modificações culturais, a um tempo progressivas e bruscas, a partir do advento da industrialização.

Não se pode, portanto, falar de mudanças na família, de características e tendências que a prefiguram, a não ser que se projete essa instituição contra o quadro mais amplo das transformações sócio-culturais.

Não tendo ainda conseguido integrar os novos padrões e assimilar outras formas e valôres, a família já se defronta com uma segunda revolução industrial, mais acelerada e mais profunda em seus efeitos, com a cibernética, a automação, a energia nuclear, as múltiplas invenções e investigações espaciais. Ao tornar imprevisível o mundo de amanhã, as modificações advindas dêsses fatos já estão contribuindo para que a família, como instituição, esteja em pleno processo de transição, sofrendo uma crise decisiva, que a levará sem dúvida a uma reestruturação interna e a nova posição na comunidade. Segundo T. Parsons, tudo evidencia que caminhamos para um nôvo tipo de estrutura social geral, na qual a família será *mais especializada* que antes e, sem embargo, não menos importante em qualquer sentido.

Às invenções e aos descobrimentos técnicos e científicos, cujos efeitos se aceleram em progressão geométrica, devem-se as mudanças sociais rápidas e, conseqüentemente, as alterações e a complexidade da vida atual. Por vêzes, tais mudanças nas condições externas da vida processam-se de modo radical; explica-se, assim, o desequilíbrio da socie-

dade contemporânea, marcada, em ritmo progressivo, por conflitos e desajustamentos. Nesse quadro social, que define uma época, a supervalorização da ciência e da técnica desorienta o homem e o faz perder a noção dos mais altos valôres, levando-o, também, à confusão em seus objetivos.

As conseqüências de tal situação assumem aspectos de evidente gravidade social, porque se fazem acompanhar de modificações nos interêsses e nos valôres humanos, do que resulta a ruptura de padrões, de tradições e até de instituições. Êsses efeitos, entretanto, incidem na família com maior freqüência, pois é fundamental na vida da sociedade. E, realmente, de tal maneira vem a família se modificando na estrutura, nas funções, nas crenças e nos valôres que, a muitos, afigura-se a caminho da própria desintegração.

A alta freqüência dos divórcios, dos desquites e das separações, o declínio da natalidade, a frouxidão dos costumes são apontados como sintomas dessa desorganização. Burgess, entretanto, adverte que essas variações do padrão básico da família "são sintomas, no presente, como o foram em épocas semelhantes anteriores, de que a sociedade está sofrendo mudança". E faz um prognóstico: "Quando se estabelecer o equilíbrio, surgirá um nôvo padrão familiar mais bem adaptado à nova situação".

As mudanças sociais refletem-se, portanto, na família, instituição dinâmica por excelência, rompendo padrões tradicionais. Surgem dessa ruptura nova concepção do seu valor e nova consciência de suas funções no desenvolvimento psicológico e no ajustamento social do ser humano.

Submetida a uma experiência social sem precedentes, cujo sintoma mais evidente é a instabilidade que apresenta, a família, por um lado, ressente-se dessas modificações nas atitudes e valôres sociais e, por outro, projeta suas modificações na estrutura da sociedade. Ocupa, assim, a família, entre as instituições, a um tempo a posição de agente e de paciente no cadinho das mudanças sociais que hoje se processam de modo tão acelerado, por fôrça, principalmente, do não menos acelerado desenvolvimento da ciência e da técnica.

A FAMÍLIA E A INFLUÊNCIA DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Folsom estuda minuciosamente as influências do desenvolvimento científico, quer nos aspectos práticos, quer na modificação da mentali-

dade humana. Referindo-se às transformações exercidas pelas ciências biológicas nos campos da Medicina, da Hereditariedade e da Reprodução, ressalta a modificação verdadeiramente revolucionária infligida às práticas médicas, com a conseqüente organização de hospitais, de clínicas e de centros de saúde; a possibilidade do aumento do limite médio de duração da vida, com a diminuição da natalidade infantil; a divulgação de métodos anticoncepcionais; o descobrimento das causas de anomalias e o emprêgo de métodos de imunização contra doenças infecto contagiosas.

A difusão de mais eficientes meios de tratamento e das causas determinantes de anomalias e doenças físicas muito tem influído na mentalidade humana quanto à aceitação de novos pontos de vista na interpretação dos fenômenos biológicos.

No que concerne à família, a influência mais forte, decorrente do desenvolvimento das ciências biológicas, verifica-se na sua redução de tamanho. A aplicação das técnicas anticoncepcionais alcança aceitação extensa, não só devido à pressão de condições econômicas, como também ao pensamento científico, que facilitou a quebra de poderosos tabus. Êsse tema, aliás, é hoje livremente debatido em face da explosão demográfica que, determinando muitos problemas críticos, traz o espectro da fome como constante ameaça sôbre os povos menos desenvolvidos e, sem embargo, mais prolíferos.

A restrição observada no tamanho das famílias, principalmente entre as classes mais esclarecidas dos grandes centros urbanos, reflete também a importância atribuída à hereditariedade. Os estudos de genética humana, mostrando as causas predisponentes das anomalias, permitem não só prever o nascimento de sêres predispostos à patologia, como justifica a limitação de filhos.

A ocorrência, todavia, explica-se igualmente por causas psicológicas, das quais a principal é o desejo dos cônjuges de que o padrão de vida a que estão acostumados não venha alterar-se com a responsabilidade da criação e manutenção dos filhos. Muitos relutam em trazer para o mundo mais filhos do que possam nutrir e educar, pelo maior conhecimento dos seus deveres na formação dos descendentes. O trabalho da mulher fora do lar, com as suas oportunidades de auto-afirmação em quase todos os campos da atividade humana, explica, segundo Bernard Sait, a revolta da mulher, mais ou menos consciente, contra a filosofia

social que lhe indicava apenas o dever de servir à continuidade da espécie, não lhe favorecendo a própria realização no campo profissional e no social.

A mulher moderna está se emancipando progressivamente do lar e adquirindo maior liberdade, pela transferência de suas atividades para fábricas, escritórios, laboratórios, consultórios e cátedras. Profundas alterações têm-se operado em suas condições de vida, de modo que se acentua cada vez mais a necessidade de a mulher conquistar o direito da própria afirmação nos campos econômico e social, tanto quanto o de alcançar o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. O matrimônio e a maternidade, todavia, continuam a constituir o objetivo da grande maioria. Tanto isso é verdade que, na frustração dêsses desejos, está a origem de múltiplos desajustamentos da mulher que vive nos grandes centros urbanos.

A observação dos fenômenos sociais conclui pela existência de um problema crucial para a mulher das grandes metrópoles: conciliar suas funções de mãe e de espôsa com as oportunidades educacionais e profissionais que lhe permitam dar expressão a outras dimensões de sua personalidade. A mulher, por isso, esforça-se por libertar-se do condicionamento inclusivo a uma realidade biológica, buscando afirmar-se nos demais aspectos.

INFLUÊNCIAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A autoridade da ciência está-se impondo sôbre os preconceitos, notadamente nas atitudes em relação ao sexo, ao ajustamento conjugal e à educação dos filhos.

O conhecimento e aplicação da psicologia muito têm contribuído para a melhor compreensão da personalidade, das relações entre os sexos e do desenvolvimento do comportamento social. A criança já não é considerada um adulto em miniatura, mas um ser em evolução, com interêsses e características próprias. Tal concepção reflete-se na atitude dos pais para com a criança, que passa a ser o centro de interêsse da vida familiar. À cega obediência à autoridade paterna cede lugar o reconhecimento de que a criança deve ser levada a querer aceitar essa responsabilidade.

O comportamento humano já não pode ser estudado à luz do pensamento mágico ou metafísico, mas sob o prisma da objetividade cien-

tífica. Muitos pais, desprezando processos anacrônicos, apelam para o pediatra e o psicólogo, visando à solução dos problemas do desenvolvimento dos filhos. Cresce o número de investigadores e estudiosos da pediatria e da psicologia infantil; organizam-se associações para atender ao bem-estar da infância e da juventude; a política do silêncio sôbre a curiosidade sexual cede lugar a informações mais próximas da realidade e dos fatos, em consonância com o grau de maturidade psicológica atingido pelo ser humano em formação.

Compreende-se, portanto, que se a ciência e a técnica continuam operando mudanças significativas nas funções e nos hábitos da família, por outro lado favorecem maior compreensão dos papéis de cada membro no grupo familiar. A introdução de instrumentos técnicos no lar muito tem contribuído para acrescentar confôrto à vida, reduzindo o esfôrço doméstico; para propiciar melhores condições de vida material, enriquecendo as horas de lazer, e para permitir maior mobilidade, libertando o indivíduo para outras atividades.

Os conflitos, desajustamentos e desordens implantam-se, não tanto por fôrça das mudanças sociais, mas pelas atitudes dominantes em certos grupos que, ao invés de acompanharem as transformações e o sentido positivo do progresso, permanecem fiéis a idéias e anacronismos. Numa sociedade que muda tão ràpidamente, como a nossa, a grande maioria dos padrões de vida familiar ainda se regem por normas antigas, numa tentativa de reprodução dos tipos de comportamento aprendidos na infância. Para Margaret Mead, "grande parte da desorganização da vida familiar — a freqüência do divórcio, a incidência de neuroses e de distúrbios psíquicos — podem estar ligados às discrepâncias e contradições entre os comportamentos aprendidos na infância e as expectativas do presente".

Por isso, e com razão, escreve Dewey que "a grande revolução científica só se processará realmente, quando os homens aplicarem conhecimentos científicos às relações humanas, quando êsses conhecimentos se manifestarem nos trabalhos e atitudes sociais". Reforçando o pensamento de Dewey, afirma Kilpatrick: "O presente problema intelectual do homem é levar o mundo de seu pensamento *pari passu* com o das descobertas científicas. A lógica, a ética, a religião, a filosofia precisam ser reorganizadas em harmonia com as novas situações. De outro modo falharão, quando dela carecermos".

Funções da Família

Envolvida, portanto, no torvelinho de mudanças sócio-culturais, a família transforma-se e vive em processo de transição. Caminha ela para formas muito mais compatíveis com as condições de vida de uma época marcada por um desenvolvimento técnico-científico sem precedentes.

Profundamente modificada em suas funções — econômica, protetora, religiosa, educativa, recreativa — como também em sua estrutura e valôres, a família incrementa em compensação, os aspectos psicológicos e o ajustamento social de seus membros. As mudanças de maior importância na organização da família são, efetivamente, as de natureza psico-social; embora menos aparentes do que as efetuadas pela máquina, com o advento da industrialização, são, contudo, mais profundas e significativas.

Na família contemporânea, as mudanças refletem-se principalmente nas atitudes de pais e filhos, nas relações dos indivíduos dentro do grupo familiar, na dependência da família de outros grupos que lhe completam as funções, que antes estavam exclusivamente a ela adscritas, e nos conflitos entre os novos e os velhos padrões. O hiato nos padrões culturais gera êsses conflitos e explica, em parte, os desajustamentos daquêles indivíduos que ainda estão se acomodando às condições tecnológicas da industrialização.

A família contemporânea deve ser entendida como um grupo que, preenchendo funções psico-sociais, assegure ao homem um meio organizado onde encontre apoio e segurança afetiva e emocional. Ela deve, também, favorecer-lhe o ajustamento social e a satisfação não apenas de suas necessidades biológicas, mas também das necessidades de compreensão, de liberdade e de amor, essenciais ao crescimento normal da personalidade. "Fundamentalmente — escreve Ackerman — a família faz duas coisas: assegura a supervivência física e constrói o essencialmente humano do homem".

A mais importante função da família é, portanto, propiciar o desenvolvimento psicológico e social do homem, preparando-o para enfrentar situações novas no longo caminho que o conduz à maturidade física, psíquica e social, proporcionando-lhe a integridade e fôrça psíquica para essa luta contínua em prol de melhor adaptação pessoal e de aprendizagem da difícil arte de conviver, "em união, como irmãos", nos têrmos de Toynbee.

As bases da socialização do ser humano são lançadas na família; o homem, porém, não se torna sociável apenas pela orientação do grupo familiar, mas também pela ação e influência de outras instituições. Se a importância da família avulta no processo de socialização, tornando-a mesmo imprescindível, é precisamente porque a personalidade não é inata, mas adquirida ao longo do curso vital. A família é, assim, "a fábrica que produz personalidades humanas". Não se deve supor, porém, que uma vez produzida a personalidade, ela permaneça estável nos aspectos vitais do funcionamento social. A essência mesma da personalidade é o seu dinamismo, movida que é por fôrças profundas que lhe abrem novas e incitantes possibilidades de afirmação, renovação e aperfeiçoamento. Supõe-se, então, a existência no homem de uma originalidade básica, "diante da impressionante capacidade de reorganizar suas atitudes e comportamento — afirma Carl Rogers — por formas não determinadas por fatôres externos ou elementos prévios de sua própria experiência, mas em virtude de sua compreensão dêsses fatôres".

As mudanças são aspectos inerentes às instituições

As instituições estão, òbviamente, suportando mudanças que, aliás, ocorrem em todos os lugares, em tôdas as épocas e entre todos os povos. Como Constituição dinâmica, a família não foge a êsse imperativo, embora tais mudanças não cheguem a exercer *radical* influência sôbre ela, porque, como diz Bernard Sait:

a) as funções que foram removidas do lar não eram inerentes à natureza da família;

b) quando fôrças externas ameacem sua estrutura e fundamentos há como que uma instintiva resistência a essa ameaça, a fim de preservar a integridade do grupo;

c) a sobrevivência da família indica que ela preenche profundas necessidades da natureza humana;

d) o receio quase universal, de que ela caminhe para a desintegração, prova o significado que o grupo familiar continua a ter na vida do homem.

Nos dias atuais, nota-se, efetivamente, acentuado interêsse pelos problemas da família com a preocupação por sua estabilidade e coesão

interna. Evidencia-se tal interêsse no desejo de aquisição de conhecimentos sôbre o assunto através de cursos e conferências, pois a muitos se afigura ser êste o meio apropriado para aprender a adaptar-se ao próprio círculo familiar.

Nos campos da psicologia social e da antropologia, multiplicam-se as pesquisas, seja visando à compreensão da interferência da cultura através da família na formação dos aspectos estruturais básicos da personalidade, seja para conhecimento das causas das recentes mudanças e dos processos pelos quais essas mudanças operam para, assim, poder-se prever futuras mudanças.

De outra parte, a instituição de cursos de relações familiares, de preparação para o casamento e para a vida familiar a organização de consultórios de orientação a maridos, espôsas e pais, de associações familiares e de institutos de relações humanas, a inclusão de cursos de relações familiares no currículo das universidades, o interêsse da Igreja, da Escola e de outras Instituições pela família e seus problemas, tudo mostra a importância de que se reveste essa instituição, no momento atual. Representa, outrossim, um estado de alerta para os perigos que a ameacam e uma resistência para que a unidade familiar seja preservada na diversidade de tantos estímulos modificadores.

Tendências da família contemporânea

Ernest Burgess, ao estudar os diferentes aspectos da crise da família moderna, afirma que as variações nos seus padrões e valôres traduzem sintomas de que se está processando uma grande mudança. Ocorre uma transição de formas primitivas e divergentes em outras, das quais surgirá nôvo tipo de família, mais adaptado ao estilo de vida moderno.

Em simpósio realizado em 1948, apresentou êsse ilustre sociólogo um trabalho sob o título "The Family in a Changing Society", no qual, ao mostrar que a família americana apresenta relativa e não absoluta diferença da família de outras culturas, aponta as tendências que a caracterizam no momento atual:

a) *Adaptabilidade,* como respostas às condições de rápida mudança social. Explica Burgess que, da gradual adaptabilidade da família ao companheirismo e a outros processos de vida, depende a sua estabilidade, a qual, por sua vez, se origina da "fôrça das relações interpessoais de seus

membros, expressa na afeição, interêsses e objetivos comuns". A adaptabilidade da família como um grupo pode ser diferente da de cada um de seus membros. Essa adaptabilidade revela-se na tendência a agir de modo apropriado e de acôrdo com as normas e padrões culturais, assim como na flexibilidade de reações do indivíduo ou do grupo ao confrontar situações novas.

Já em 1938, Bernard Sait escrevera que a família tem conseguido sobreviver precisamente pela sua habilidade "em ajustar-se às mudanças e condições sociais e em acrescer muitas funções às essenciais, o que sòmente ela pode conciliar satisfatòriamente: procriação e criação dos filhos, satisfação das necessidades sexuais dos pais, estabelecimento do lar e formação de adequado ambiente espiritual e social."

b) *Urbanização,* entendida não simplesmente no sentido de que a proporção de famílias que vivem na cidade está aumentando, mas também no sentido de que as famílias rurais estão adotando os costumes da vida urbana. Essa urbanização tem privado a família de muitas de suas antigas funções e abalado os padrões de autoridade e de moral. O desenvolvimento de novos meios de comunicação (telégrafo, cinema, rádio, televisão, imprensa), a especialização de interêsses e atividades ocupacionais, a comercialização das atividades de recreação e outras, tudo vem contribuindo para a urbanização e secularização da família.

c) *Secularização,* que ocorre pelo aumento do material de confôrto, pelas invenções e pelos instrumentos técnicos, assim como pela diminuição da interferência religiosa. O materialismo, refletido na supervalorização da segurança material e econômica, em detrimento dos valôres espirituais é, assim, um dos elementos dêsse secularismo, e explica também alguns aspectos da crise psicológica da família em nossos dias.

d) *Instabilidade,* pelo contínuo aumento de divórcios, de desquites e de separações. Na Guanabara, por exemplo, as estatísticas acusaram, em 1967, um aumento da média de 3 para 25 desquites diários. Muita família em que êsses fenômenos não ocorrem, não são, entretanto, mais estáveis, uma vez que as constantes discórdias criam no lar um clima emocional de quase completa insegurança. Para essa instabilidade, muito concorrem as condições econômicas; determinam elas, por vêzes, a coexistência de duas ou mais famílias, confinadas em apartamentos pequenos e desconfortáveis. W. Goodsell — citado por Folsom — aponta outros fatôres responsáveis por essa instabilidade: fraqueza das sanções reli-

giosas, colapso do contrôle social primário, falta de preparo para o casamento e para a educação dos filhos, assim como a emancipação da mulher e a progressiva liberdade que vem adquirindo desde que lhe foi concedido o direito de sufrágio.

e) *Especialização* nas funções intrínsecas, como conseqüência da perda das funções econômicas, religiosas e protetoras. Com efeito, a função primordial da família moderna é propiciar o desenvolvimento de personalidades ajustadas e socialmente bem integradas, donde a acentuação de sua responsabilidade no domínio psico-social. A importância da família, como transmissora da cultura para a integração social do indivíduo, é hoje tão grande quanto o seu papel biológico na perpetuação da espécie.

f) *Tendência ao companheirismo,* que acentua o consenso nos interêsses e objetivos comuns, nas relações democráticas entre os membros e na personalidade de cada um dos cônjuges, bem como na dos filhos.

Bernard Sait refere-se à família cooperativa, baseada na interdependência harmoniosa das atividades dos seus membros e não, apenas, na distribuição das responsabilidades econômicas. Numa família genuìnamente cooperativa, acrescenta aquêle sociólogo, as relações entre pai, mãe e filhos podem tornar-se fonte de simpatia e compreensão, ampliando-se a outros círculos das relações sociais.

Sintetizando, vivemos um momento de mudanças sociais tão rápidas que, dificilmente, as instituições, princípios e valôres podem acompanhar o ritmo de velocidade da transformação. Isto abala os fatôres que constituem o *sistema integrador* da sociedade, no qual a família representa papel sumamente importante.

Como principal elemento dessa integração, a instituição familiar, sob os ditames dessas mudanças, vem se modificando também em sua estrutura, funções e valôres, sendo compensada, não obstante, por um maior confôrto material. Com a transferência progressiva das funções tradicionais para outras agências e a redução das dimensões da família, acentuam-se-lhe os valôres psicológicos de afeição, de companheirismo e de segurança emocional, cujo cultivo passa a constituir sua primordial função e responsabilidade.

A família atravessa uma crise no processo atual de transição social. Os processos psicológicos dessa crise traduzem-se pela inadequação à rea-

lidade de um mundo no limiar de uma nova era, principalmente porque continuam muitos grupos a orientar-se por processos manifestamente anacrônicos. Outro elemento identificador dessa crise é um evidente materialismo, que põe a tônica na segurança material e econômica, alienando assim a família de seus mais altos objetivos como agente e formadora de personalidades socialmente úteis, valendo também por um refúgio nas lutas da idade adulta.

Apresenta essa instituição nos dias atuais um quadro de diversidade e de instabilidade, em cujo fundo a flexibilidade de suas reações é muito significativa nesse esfôrço por atingir a uma nova configuração mais acorde com os padrões de uma cultura em constante e acelerada mudança. A coesão e integração do grupo familiar dependem da cooperação ou da resistência de cada um de seus membros, como também da maneira específica de adaptação da família como um todo, o que lhe permitirá maior ou menor flexibilidade diante das exigências das atuais condições de vida.

BIBLIOGRAFIA

FOLSOM, H. K. *The family and democratic society*, New York, Chapman & Hall, Ltd., 1943.

ELMER, M. C. *The sociology of the family*, New York, Ginn and Co., 1945.

OGBURN, W. F. & NIMKOFF, M. F. *Sociology*, Houghton Mifflin Co.

CHAPPLE & COON. *A família*, trad. de A. Gonçalves. In: Estudos de Organização Social, de Donald Peerson.

SAIT, Bernard Una. *New horizons for the family*, New York, The Macmillan Co., 1938.

BURGESS, E. W. & LOCKE, Harry J. *The family*, Chicago, American Book Co., 1945.

BURGESS, E. W. The family in a changing society. *The American Journal of Sociology*, maio, 1948.